

SITUAÇÃO DOS CEREAIS

Eng.º Agr.º ARLINDO BORBA OLIVEIRA

FEIJÃO

Observando-se a recente evolução dos preços de feijão no interior — recebidos pelos lavradores — e na capital (médias mensais das cotações da Bolsa de Cereais), constata-se que vem ocorrendo progressiva elevação nos preços desse produto. Já no segundo semestre de 1961 verificaram-se altas em ambos os mercados, somente diminuída quando começou a entrar o feijão “das águas” do Paraná. Conforme se observa pelos dados do quadro I, no interior desde setembro a ascensão nos preços não sofreu solução de continuidade, atingindo o preço “record” de Cr\$ 6 180,00 em abril p.p., o que evidencia crise real do produto, pela escassez do mesmo. Pelo mesmo quadro, verifica-se que isso não se deu na Capital em virtude da tabela da C.O.A.P. baixada em 24/1/62, que entretanto prejudicou o abastecimento do produto, pela impossibilidade de subordiná-lo aos seus preços.

A falta do produto presentemente, deve-se ao fato de terem ocorrido três safras más conse-

cutivas, não só no Estado, como nas fontes que influenciam o nosso mercado.

A safra “da seca” em São Paulo em 1961 sofreu uma redução de 660 000 sacas em relação à anterior do mesmo período, o que é bastante significativo se considerarmos que aquela havia sido apenas normal. Igualmente os Estados de Minas Gerais e Goiás, habituais e importantes fornecedores do produto ao mercado de São Paulo, os quais têm na “safra da seca” a sua única safra do produto, tiveram-na bastante reduzida.

A prolongada estiagem verificada no segundo semestre daquele ano, determinou grande atraso no plantio da safra “das águas” de toda a zona produtora, contribuindo para a não ampliação da área de cultivo, embora aos preços compensadores existentes na época, fôsse de se esperar um plantio muito maior; isso, pelos receios fundamentados dos produtores em relação ao tempo, em se tratando de cultura tão sensível às va-

QUADRO I

COTAÇÕES MÉDIAS MENSAIS DO FEIJÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO

Cr\$ por saca de 60 kg.

ANOS	NO INTERIOR		NA CAPITAL			
	Preços médios recebidos pelos lavradores	Bico de Ouro Especial	Chumbinho Especial	Jalo Especial	Roxinho Especial	Opaquinho Especial
1961						
Janeiro	1 430	1 500	1 592	1 791	1 734	2 006
Fevereiro	1 240	—	1 213	1 570	1 506	1 971
Março	1 190	1 055	1 104	1 275	1 325	1 792
Abril	1 220	—	1 521	1 533	1 548	1 782
Mai	1 410	—	1 480	1 665	1 487	1 869
Junho	1 250	1 264	1 318	1 436	1 511	1 847
Julho	1 150	1 250	1 347	1 420	1 526	1 948
Agosto	1 350	1 994	1 925	2 369	2 048	2 204
Setembro	2 290	2 096	2 326	2 874	2 855	2 727
Outubro	2 710	2 364	2 645	2 834	2 833	3 308
Novembro	2 790	2 402	2 554	2 681	2 900	3 283
Dezembro	2 860	2 450	2 574	2 600	2 990	3 518
1962						
Janeiro	3 010	3 165	3 414	3 634	3 433	4 514
Fevereiro	3 190	2 931	3 596	3 490	3 701	4 146
Março	3 580	tabela	3 615	3 400	tabela	tabela
Abril	6 180	"	tabela	tabela	"	"

Fontes: Capital — Bôlsa de Cereais de São Paulo.
Interior — Divisão de Economia Rural.

riações climáticas. Assim, enquanto o plantio "das águas" anterior fôra em São Paulo de 196 000 ha, a área plantada em 1961/62 foi de 169 000 hectares, com uma produção de . . . 1 180 000 sacas de 60 kg; embora 27 000 ha menor a área, a produção foi 100 000 sacas a mais, pois contra a expectativa, o rendimento melhorou de 5,5 sacas por hectare em 1960/61 para 7,0 sacas por ha em 1961/

/62 no correspondente plantio "das águas". Apesar disso, esta safra veio encontrar o mercado completamente desfalcado do produto, sem remanescentes e com os preços bastante elevados devido à escassêz. Aliás, no começo da 2.a quinzena de janeiro os preços já começavam a declinar quando a COAP tabelou o produto, estabelecendo no atacado os seguintes por saca de 60 kg.

Bico de Ouro	Cr\$ 2 934,80
Cumbinho	3 633,60
Jalo	3 493,80
Opaquinho	3 733,30
Prêto	2 096,30
Rôxo	4 145,90

Isso corresponde para o varejo, por quilo:

Bico de Ouro	Cr\$ 63,00
Chumbinho	78,00
Jalo	75,00
Opaquinho	81,00
Prêto	45,00
Rôxo	89,00

Comparando com os dados do quadro I, observa-se que as médias mensais na Capital para algumas variedades, foram inferiores ao preço de tabela nos meses de fevereiro e março; isso porque as entradas do feijão “das águas” do interior e do Paraná aumentaram naqueles meses, havendo maior disponibilidade do produto. Infelizmente, essa situação durou pouco, pois este ano o comércio de São Paulo sofreu no norte do Paraná uma maior concorrência do de Minas, Goiás e de Estados do norte que ali se abasteceram. Ora, no Paraná somente a zona chamada “norte novíssimo” tem as duas safras, sendo a “da seca” a principal em toda a zona produtora. A pequena safra “das águas” esgotou-se logo, dado a grande demanda que provocou uma elevação nos preços, obrigando os compradores paulistanos retraírem-se devido o tabelamento aqui vigente, enquanto os outros Estados continuaram comprando.

Na presente safra “da seca” o Estado sofreu uma redução mais pronunciada. Em Minas e Goiás que nos fornecem principalmente o feijão “rôxo” — o mais cotado entre nós — apenas a região de Patos de Minas fez 80% do plantio no tempo devido, tendo este sua produção assegurada. As demais regiões,

pelo atraso das chuvas, tiveram seu plantio retardado, o que, coadjuvado pela posterior irregularidade das precipitações, resultou numa quebra acentuada que alcança 90% em certas zonas.

No Paraná, foi grande o plantio da safra “da seca”, ainda mais por que devido aos altos preços do produto, os cafeicultores consentiram no plantio nas ruas do café, o que antes era vedado pela maioria dêles. Verificou-se, entretanto, excesso de chuva no início do ciclo vegetativo da planta, seguido de forte estiagem, o que provocou prejuízos ao desenvolvimento das plantações. Somente o Paraná “velho”, eixo Cambará — Apucarana, logrou (ainda que com sensível quebra) colhêr o produto da presente safra. Zonas outras, como o norte “novíssimo”, não alcançaram 10% do rendimento normal. O produto cresceu então de valor, desde que a procura era exageradamente superior à oferta.

Tivesse a C.O.A.P. ao invés do tabelamento vigente adotado a fórmula C.L.D. (Custo - Lucro - Despesa), não teríamos a crise nas proporções atuais. Teríamos preços elevados, é certo, pelo malôgro da safra nas regiões produtoras, mas não haveria falta e é quase certo que êsses preços seriam

inferiores aos vigorantes no “câmbio negro”, cuja existência ninguém ignora.

A manutenção dêsse tabelamento a preços inferiores aos vigentes no interior, tanto em São Paulo (veja-se quadro I) como nos demais Estados — no Paraná, na recente colheita “da

sêca”, os preços variam entre Cr\$ 5 500,00 a Cr\$ 6 000,00 — vem impedindo uma melhoria, mesmo precária, no abastecimento do mercado de São Paulo. A adoção da C.D.L. poderia atender ou quando não, atenuar a crise atual, por ser condizente à realidade da situação.

ARROZ

Os preços do arroz acusaram, a partir de julho de 1961, constantes altas até fevereiro de 1962. Em março, os preços médios recebidos pelos agricultores apresentaram pequena queda quando começaram as entradas do produto novo.

Como se sabe, o Estado de São Paulo não é autosuficiente no abastecimento do arroz; assim, temos um “deficit” de 2,6 a 3 milhões de sacas de produto beneficiado que cobrimos com importações de várias fontes produtoras do país. Do Rio Grande do Sul recebemos o tipo de “grãos curtos” (preferido pela colônia japonesa), o “blue rose” e o “agulha”, tipos de “grãos médios” e “longos”, respectivamente. Do Triângulo Mineiro e de Goiás, em maior escala nos veem os tipos finos de “grãos longos”. Apesar de serem os Estados citados as principais fontes, eventualmente recebemos o produto de Mato Grosso, Sta. Catarina, Maranhão e até do Pará. O arroz entretanto, que entra em São Paulo, não é todo consumido aqui; grande parte é comercializada para outros centros consumidores como o Paraná, Guanabara, Estados do Norte, etc.

É digno de registro, o fato de às vezes, virem de fonte que nos abastece, comprar o produto em São Paulo, como aconteceu em dezembro p.p. com compradores do Triângulo Mineiro.

Na presente safra, é estimado o saldo gaúcho exportável, na ordem de 6,5 milhões de sacas/60 kg de produto beneficiado. Em Minas há redução de uns 40% na produção devido à quebra de rendimento (atrazo das chuvas, pragas) e principalmente pela substituição da área de plantio por milho, algodão, começo de culturas de amendoim e acentuadamente por pastagens. Observa-se mesmo forte tendência no Triângulo Mineiro para sua substituição progressiva pela pecuária, que dá maiores lucros com menores riscos e trabalhos.

No Estado de Goiás prevê-se um aumento seguramente de 50% em relação ao ano passado, não só devido às excelentes condições meteorológicas para a lavoura, como à grande ampliação das áreas de cultura. A delonga na colheita, porém — insuficiência de maquinaria e braços — está determinando uma secagem demasiada no campo, de tal sorte que os grãos

quebram muito ao entrar nas máquinas, dando o produto "marcha-ré" de inferior qualidade e menor rendimento, o que ocasionará sem dúvida, quebra da produção esperada.

Assim, o decréscimo na produção mineira deve ser compensado pelo aumento em Goiás, de tal sorte que podemos esperar dos Estados Centrais um

volume normal para o nosso abastecimento.

No entanto, o tabelamento estabelecido pela COAP (em 24/1/62), vem causando dificuldades para a vinda do produto para o abastecimento da capital. O arroz custa mais no interior do Estado (veja-se o quadro II) e nas demais fontes, que o preço tabelado.

QUADRO II

COTAÇÕES MÉDIAS MENSAIS DO ARROZ NO ESTADO DE SÃO PAULO

Cr\$ por saca de 60 kg.

ANOS	MESES	NO INTERIOR		NA CAPITAL		
		Em casca	Bene-ficiado	Grãos curtos	Grãos médios	Grãos longos
1961	Janeiro	957	1 540	1 627	1 528	1 585
	Fevereiro	916	1 460	1 530	1 400	1 595
	Março	889	1 470	1 482	1 415	1 592
	Abril	942	1 500	1 738	1 604	1 678
	Maiο	956	1 550	1 792	1 464	1 672
	Junho	931	1 530	1 765	1 620	1 612
	Julho	907	1 510	1 775	1 500	1 654
	Agosto	957	1 530	1 915	1 850	1 755
	Setembro	1 060	1 710	1 880	1 960	1 892
	Outubro	1 270	1 950	2 050	2 076	2 300
	Novembro	1 410	2 290	2 231	2 319	2 680
	Dezembro	1 710	3 050	2 621	2 864	3 519
1962	Janeiro	2 200	3 630	2 781	3 192	3 308
	Fevereiro	2 180	3 640	tabela	2 700	2 900
	Março	2 160	3 620	"	2 701	—
	Abril	2 240	3 690	"	2 700	2 900

Fontes: Capital — Bólsa de Cereais de São Paulo.
Interior — Divisão de Economia Rural.

Tomemos por exemplo o "Blue Rose" especial, tabelado pela COAP em Cr\$ 2 701,80. O mesmo tipo têm "preço mínimo" tabelado pelo IRGA em 17/4/62, para compra: em Porto Alegre — Cr\$ 3 295,00; em Rio Grande — Cr\$ 3 330,00. As despesas do Rio Grande para

São Paulo são da ordem de Cr\$ 560,00/562,00 (Cr\$ 350,00 de frete e Cr\$ 210,00/212,00 de impostos); o produto ficaria pôsto em São Paulo (considerando o preço "de compra" pelo IRGA) a Cr\$ 4 100,00/4 102,00 por saca.

A mesma situação ocorre em

relação ao produto de São Paulo e das regiões produtoras do Brasil Central.

O Estado de Goiás, de quem São Paulo recebe o produto também, está cobrando impostos sôbre o arroz exportado, na "Pauta" de Cr\$ 4 000,00 por saca de 60 kg. — produto beneficiado. As despesas de frete

e impostos para chegar a São Paulo, orçam em Cr\$ 492,50 por saca de 60 kg. Assim, enquanto perdurar o tabelamento imposto pela COAP devemos esperar dificuldades no abastecimento dos grandes centros urbanos originando uma *crise real* unicamente de *comercialização*, desde que o produto existe.

MILHO

Os preços do milho, evoluíram sempre em escala crescente a partir de julho de 1961, alcançando o máximo em janeiro último, tanto no interior co-

mo na Capital. Com a entrada do milho novo em fevereiro, as médias caíram em ambos os mercados, como demonstra o quadro III.

QUADRO III

COTAÇÕES MÉDIAS MENSAIS DO MILHO NO ESTADO DE SÃO PAULO

Cr\$ por saca de 60 kg.

ANOS MESES	NO INTERIOR	NA CAPITAL		
	Preços médios recebidos pelos lavradores	Grupo duro <i>Amarelinho</i>	Grupo misto <i>Amarelo</i>	Grupo mole <i>Amarelão</i>
1961 — Janeiro	445	588	572	583
Fevereiro ...	442	550	529	509
Março	444	561	547	518
Abril	482	—	608	595
Maió	495	—	640	—
Junho	483	—	580	570
Julho	481	580	568	560
Agosto	512	—	696	662
Setembro ...	681	—	801	779
Outubro	922	—	1 119	925
Novembro ...	1 090	—	1 249	1 239
Dezembro ...	1 310	1 600	1 532	1 502
1962 — Janeiro	1 430	—	1 734	1 579
Fevereiro ...	1 300	—	{ Novo 1 416 { Velho 1 589	{ Novo 1 385 { Velho 1 527
Março	1 220	—	1 484	1 350
Abril	951	1 287	1 139	1 134

Fontes: Interior — Divisão de Economia Rural.
Capital — Bólsa de Cereais de São Paulo.

A atual safra parece que é a melhor que já houve, tanto nos Estados Centrais como nos do Sul. Isso é o resultado dos preços elevados que gozou o produto o ano passado, não somente no Estado como em todo país.

Em São Paulo, as estimativas preliminares prevêm uma produção da ordem de 36 milhões de sacas de 60 kg, a maior de quantas tivemos.

Ao que tudo indica, terão excelente safra os Estados de Rio Grande do Sul e Sta. Catarina e pelo que se observa no Paraná, a produção dêsse cereal será aproximadamente 50% superior à safra anterior; no Triângulo Mineiro e em Goiás, também é bem maior a safra no presente ano agrícola, não

só devido ao bom rendimento da lavoura para o qual as condições climáticas foram favoráveis, como porque em Minas Gerais o seu plantio substituiu o de arroz em muitas lavouras e em Goiás grandes áreas novas de plantio foram abertas, sendo o coeficiente Goiano exportável, estimado em 1 milhão de sacas.

De tão boas perspectivas de safra, seria de se esperar queda mais sensível nos preços do produto, o que não se observa. A colheita, no entanto está bastante atrasada e as "sobras" da safra anterior praticamente inexistem em todo o País, o que aliado a um incremento acentuado no consumo, atua como um fator de firmeza no mercado.